O Candeeiro
Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas
Ano 19 · nº 3130
Julho / 2026
Jaguaretama- CE
P1+2
Programa Uma Terra e Duas Águas
Ceará



A ÁGUA QUE ALIMENTA SONHOS

Entre a escassez, a terra e os sonhos de uma família do Semiárido

Quando dona Delvaneide Silva, mais conhecida como Neide, chegou ao assentamento do Juamirim, em 2012, a família ainda não tinha cisterna. Ela, o marido, Rogério Montes, e os dois filhos pequenos começaram a vida no novo lugar enfrentando uma dificuldade que, para quem vive no Semiárido, pode determinar o rumo de uma família: a falta de água.

Antes de chegar ao assentamento, a família morava nos Pocinhos. A mudança para a nova terra representava a possibilidade de construir uma vida diferente, mas os primeiros tempos foram marcados por uma rotina de busca e economia de cada gota.

Em um desses dias, Rogério precisou sair para fazer um bico em uma fazenda em Jaguaretama e não conseguiu buscar o abastecimento da família.

Dona Neide ficou em casa com os filhos.

Seu pai tentou ajudá-la e foi até a casa de um familiar, onde havia um tambor com água. Mas a quantidade disponível era pequena. Naquele dia, ela precisou escolher entre usar a água para cozinhar ou garantir que os filhos tivessem o que beber.

Escolheu a segunda opção.

“Eu passei o dia todo com os meninos só no leite e na bolacha”, lembra.

Aquela não foi apenas uma dificuldade passageira. Foi uma das muitas batalhas enfrentadas pela família nos primeiros anos no assentamento.

Depois, a família construiu sua própria casa. Aos poucos, também foi construindo uma relação diferente com a terra e com aquilo que ela poderia oferecer.

Hoje, quando dona Neide fala sobre a água, não fala apenas de um recurso necessário para a casa. Fala de vida.

“Pra mim é a minha vida.”

A água passou a significar a possibilidade de beber, cozinhar, cuidar da casa, plantar e permanecer.

Foi também a partir dessa experiência que a família começou a olhar para o próprio quintal de outra maneira.

Quando a corrida virou caminho

Se a chegada ao assentamento foi marcada pela luta contra a falta de água, a história dos filhos foi sendo construída pela busca de novas possibilidades.

Antônio Vitor cresceu ligado à agricultura. Atualmente, cursa o ensino médio e também faz um curso técnico de Agroecologia.



Dona Neide na sua plantação e área agricola

Em casa, ajuda a família, participa dos trabalhos no quintal e leva para dentro da propriedade conhecimentos aprendidos na escola.

As técnicas que aprende no curso passam a fazer parte da rotina da família.

Ele ensina sobre manejo, ajuda na produção de mudas e participa das experiências que vão surgindo no quintal.

“Ele gosta de estar plantando as coisas. Ele ajuda aqui”, conta dona Neide.

Mas é Vitória quem encontrou no esporte uma de suas principais formas de expressão.

A história com o atletismo começou quando ela ainda era criança. Aos oito anos, acompanhava o pai, Rogério, em uma atividade no campo. Na volta, pediu para correr atrás da moto.

Rogério deixou. Vitória correu.

Foi assim que o pai percebeu que havia algo diferente naquela menina.

“Essa menina tem futuro no atletismo”, teria dito.

Pouco depois, Vitória começou a participar de treinamentos e competições. Vieram as viagens, as corridas e os desafios. A família passou a acompanhá-la sempre que possível.

Quando a dificuldade virou plantação

Em 2024, Vitória precisou se afastar de duas competições por causa de um problema de saúde.

A situação fez a família olhar ainda mais para a alimentação e para a produção de alimentos.
Rogério teve a ideia de plantar beterraba.

O experimento deu certo. A produção chamou atenção pelo sabor e despertou um novo desejo: ampliar a horta da família.

Hoje, o quintal já reúne batata-doce, urucum, tomate e outros cultivos. O conhecimento da Agroecologia, trazido por Antônio Vitor, também ajuda nas experiências de manejo.

Dona Neide resume o sonho:
“Quero fazer uma horta bem bonita.”

Do leite à cocada

A capacidade de transformar dificuldades em alternativas também aparece na produção de doces.

Durante a pandemia, com Rogério sem trabalho, a família começou a produzir doce de leite.

Depois vieram outras receitas, até que uma tentativa de fazer cocada acabou dando errado.

Foi Antônio Vitor quem sugeriu colocar o doce em copinhos.







Hoje, a família produz cerca de 60 potes por quinzena.

A renda ajuda nas despesas da casa e mostra, mais uma vez, a força do trabalho coletivo.

“É um ajudando o outro.”

Uma família que aprende junto

Na casa de dona Neide, o conhecimento circula.

Antônio Vitor leva para o quintal os aprendizados da Agroecologia. Vitória leva a experiência do esporte e o desejo de continuar estudando.

Rogério cuida da agricultura e das experiências de produção.

Dona Neide transforma os conhecimentos e recursos da família em alimento, renda e novas possibilidades.

Na escola, também participa ativamente como representante dos pais, mantendo uma relação próxima com estudantes e comunidade.

É uma família que aprende, experimenta e encontra soluções em conjunto.

Um quintal cheio de futuro

Agora, dona Neide espera pela segunda cisterna.

Com ela, pretende ampliar a horta, produzir mais alimentos e fortalecer o cultivo no quintal.

“Meu sonho é ter minha hortinha ali.”

O desejo representa mais do que plantar. É ter alimento produzido pela própria família, fortalecer a autonomia e, quem sabe, criar novas possibilidades de renda.

A terra que um dia foi apenas lugar de chegada hoje é casa, trabalho, alimento e futuro.

E a água, que antes precisava ser contada em litros, agora também pode ser medida pelos sonhos que ajuda a cultivar.





Onde existe união, existe caminho

A história de dona Neide, Rogério, Antônio Vitor e Vitória é também uma história de união.

Uma família que enfrentou a falta de água, encontrou formas de produzir, criou alternativas de renda, incentivou os filhos e continua planejando o futuro.

Viver no Semiárido é aprender a conviver com os desafios, cuidar da terra, guardar água, produzir alimento e encontrar caminhos.

No quintal dessa família, cada muda plantada carrega um pouco dessa trajetória.

Porque cultivar a terra nunca foi apenas colocar uma semente no chão.

É acreditar que alguma coisa pode nascer dali e cuidar para que nasça.